

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão –
COGEAE
Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Língua Portuguesa
Taize Grotto de Oliveira

A oralidade na escrita em crônicas de Luis Fernando Veríssimo

São Paulo
Março de 2010

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão –
COGEAE
Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Língua Portuguesa
Taize Grotto de Oliveira

A oralidade na escrita em crônicas de Luis Fernando Veríssimo

Trabalho de pesquisa do curso de Pós-
Graduação - Lato Sensu - PUC SP
orientado pelo Profº Doutor Dino Preti.

São Paulo
Março de 2010

DEDICATÓRIA

A Deus, meu criador e meu guia;

Aos meus amados pais, James e Tânia, por terem me dado apoio em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha família pela compreensão durante o período em que estive ausente;

Ao meu namorado que me acompanhou durante todo o processo, aguentando muitas vezes a minha desesperança;

Ao professor doutor Dino Preti pela confiança e crédito depositados em mim, mas, principalmente pela amizade e paciência com que me orientou ao longo da pesquisa;

Aos professores do programa de pós-graduação em Língua Portuguesa, pela dedicação e pelos valiosos ensinamentos que contribuem nesta etapa da minha formação;

Aos colegas do curso de pós-graduação, pela troca amigável e produtiva;

Aos amigos, pela paciência e por terem me ajudado na construção dessa pesquisa.

*Nossas dúvidas
são traidoras e nos fazem
perder o que, com freqüência,
poderíamos ganhar, por
simples medo de arriscar.*

William Shakespeare

Resumo

Essa pesquisa teve por objetivo analisar seis crônicas da obra *Comédias para se ler na escola* de Luis Fernando Veríssimo.

As análises ocorrerão na perspectiva da macroanálise e da microanálise, considerando nesta última as características gerais da linguagem falada presentes na escrita em situações discursivas. Portanto, vamos nos ater, nesta pesquisa, às marcas da oralidade, tais como: *a repetição, os marcadores conversacionais, o léxico e fatores pragmáticos linguísticos e extralingüísticos*, além dos fatores situacionais presentes nas crônicas.

Para realizar o estudo desse trabalho, foram exploradas obras de Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia, Vanda Maria Elias, Luiz Antônio Marcuschi, Dino Preti e Luis Fernando Veríssimo.

Esta monografia se organiza, além da introdução, das considerações finais e das referências, em quatro capítulos.

O primeiro apresenta o corpus da pesquisa, por meio de características do livro *Comédias para se ler na escola* e do autor *Luis Fernando Veríssimo*; o segundo e o terceiro apresentam teorias que fundamentam o estudo e a análise realizados; o quarto capítulo realiza a análise de algumas crônicas dentro das perspectivas da macroanálise e da microanálise, conforme teoria de Preti (1984 b).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – CORPUS	8
1.1. <i>Comédias para se Ler na Escola</i>	8
1.2. Luis Fernando Veríssimo.....	10
CAPÍTULO 2 – A macroanálise das variações lingüísticas	12
CAPÍTULO 3 – A microanálise das variações lingüísticas	14
3.1. Repetição	15
3.2. Marcadores conversacionais	16
3.3. O léxico	16
3.4. Fatores pragmáticos lingüísticos e extralingüísticos nas crônicas.....	17
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS TEXTOS	20
4.1. <i>A Foto</i>	20
4.1.1. A macroanálise e microanálise da crônica <i>A Foto</i>	21
4.2. <i>A Bola</i>	23
4.2.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica <i>A Bola</i>	24
4.3. <i>Sexa</i>	26
4.3.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica <i>Sexa</i>	27
4.4. <i>Bobagem</i>	29
4.4.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica <i>Bobagem</i>	30
4.5. <i>ABC</i>	34
4.5.1. A macroanálise e microanálise da crônica <i>ABC</i>	35
4.6. <i>Siglas</i>	39
4.6.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica <i>Siglas</i>	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

Introdução

Essa pesquisa tem por objetivo principal analisar a manifestação da oralidade em seis crônicas do livro “Comédias para se ler na escola” de Luis Fernando Veríssimo. Este estudo se dará por meio de *macroanálise*, evidenciando aí os fatores situacionais presentes nas crônicas, e de *microanálise*, termos esses que serão explicados posteriormente.

Devemos nos ater às situações de comunicação presentes nas crônicas que serão estudadas, isto é, como analisá-las a partir das marcas da oralidade e o que são essas marcas num texto escrito, evidenciando aí *a repetição*, *os marcadores conversacionais*, *o léxico* e *fatores pragmáticos linguísticos e extralinguísticos*, sendo o léxico, ou melhor, o vocabulário, na maioria das vezes, a única marca da oralidade na voz narrativa.

Vale lembrar que o texto literário sendo uma manifestação escrita apresenta recursos da oralidade que podem ser uma estratégia intencional do escritor para dar a seu diálogo de ficção uma proximidade maior com a realidade.

Esta monografia se organiza, além da introdução, das considerações finais e das referências, em quatro capítulos.

O primeiro apresenta o corpus da pesquisa, por meio de características do livro *Comédias para se ler na escola* e do autor *Luis Fernando Veríssimo*; o segundo e o terceiro apresentam teorias que fundamentam o estudo e a análise realizados; o quarto capítulo realiza a análise de algumas crônicas dentro das perspectivas da *macroanálise* e da *microanálise*, conforme teoria de Preti (1984 b).

Capítulo 1 – Corpus

1.1. – *Comédias para se Ler na Escola*

Comédias para se Ler na Escola é uma antologia de crônicas de Luis Fernando Veríssimo organizada por Ana Maria Machado. Ela releu textos do autor, e preparou uma seleção de crônicas capaz de despertar nos estudantes o prazer e a paixão pela leitura. O título do livro resulta da teoria do autor de que as pessoas que não são habituadas a ler obras literárias são capazes de se deliciar com elas. A obra, porém, é ideal para ser lida não só na escola, mas onde quer que se esteja, e para aqueles momentos em que se deseja ter um pouco de descontração.

Em seu texto de abertura, Ana Maria Machado observa: “Depois de ler este livro, duvido que algum jovem seja capaz de dizer, sinceramente, que não curte ler. E, para não ficar achando que só gosta deste livro, que leia os outros do autor. Aposto que, em sua maioria, os novos leitores vão se viciar em livro e sair procurando outros textos, de outros autores. Com vontade de, um dia, chegar a escrever assim. Quem sabe? O Veríssimo nunca pensou que ia ser escritor quando crescesse. Seu negócio era mesmo um bom solo de saxofone, instrumento em que ainda arrasa, escondido. Mas com essa história de ser músico, desenvolveu tanto o ouvido que acabou assim: hoje ele ouve (e conta para nós) até o que pensamos, sentimos e sonhamos em silêncio. Em qualquer idade.”

A coletânea de crônicas reúne trinta e cinco narrativas curtas trazendo o universo das histórias e personagens de Veríssimo.

Podemos encontrar alguns exemplos de um trabalho que ora se debruça sobre a gramática da língua e ora pelos labirintos do discurso. Por meio de jogos lingüísticos e da ironia do autor, a vida surge esplendorosa diante de um leitor que se identifica com as ideias do escritor e que aguarda ansioso a oportunidade de ler novas crônicas.

A seleção de Ana Maria Machado em *Comédias para se ler na Escola* permite ao leitor mergulhar no universo das histórias e personagens de Veríssimo. A habilidade para os exercícios de linguagem ou de estilo do autor pode ser conferida em crônicas como "Palavreado", "Jargão", "O ator" e "Siglas". A competência para desenvolver as comédias de erro está presente

em “O Homem Trocado”, “Suflê de Chuchu” e “Sozinhos”. A mestria para criar pequenas fábulas, com moral não explícita, aparece em “A Novata”, “Hábito Nacional” e “Pode Acontecer”. A aptidão para resgatar memórias é a marca de “Adolescência”, “A Bola” e “História Estranha”. E, por fim, o dom para abordagens originais de temas recorrentes revela-se em “Da Timidez”, “Fobias” e “ABC”.

Comédias para se Ler na Escola é cheio de situações inusitadas e escrito em uma linguagem com a qual até os que não gostam de literatura se identificam. Foram reunidas diversas crônicas humorísticas a respeito da vida alheia. O leitor é convidado a viajar entre as situações mais esquisitas do dia-a-dia de uma pessoa comum.

Como podemos perceber, o tema das crônicas é o cotidiano.

O livro é dividido em seis partes, além de ser de suma importância apresentarmos a própria capa do livro por ser bastante sugestiva, conforme veremos a seguir.



***Capa** - Podemos perceber que a capa do livro apresenta a caricatura do próprio autor Luis Fernando Veríssimo sentado sob um livro numa carteira escolar, com um aviãozinho na mão, várias bolinhas de papel no chão, além de um rolinho de papel voando, o que quer dizer que os papéis foram invertidos, ou seja, o autor está no lugar do aluno. O sorriso maroto e simpático do Veríssimo/aluno estampado nessa ilustração confirma a sua função de cronista/humorista: despertar no leitor o prazer pelo texto e mostrar que ele também se torna o outro, assim como o próprio leitor poderá colocar-se no lugar de escritor/narrador, havendo, portanto, de modo implícito, o desejo de que haja uma troca de papéis entre os actantes desse ato de comunicação.

Como citado anteriormente, a obra é dividida em seis capítulos e cada um apresenta um tema diferente:

1. **Equívocos**” - Apresenta uma seleção de crônicas que possuem situações quase surreais e, ao mesmo tempo, muito engraçadas por apresentarem relatos de desencontros.
2. **“Outros Tempos”** – As crônicas deste capítulo nos remetem ao passado; fazem com que lembremos dos nossos “outros tempos”.
3. **“De olho na linguagem”** – Neste capítulo, as crônicas estão debruçadas no uso da gramática, fazendo com que possamos refletir melhor sobre o uso da norma culta da língua portuguesa por meio de textos humorísticos.
4. **“Fábulas”**- As crônicas presentes neste capítulo apresentam a principal característica das fábulas, que é ter uma moral da história para que possamos refletir sobre o assunto tratado. Porém , as crônicas apresentam uma moral implícita, escondida.
5. **“Falando Sério”** - É uma coletânea de crônicas sobre problemas comuns do cidadão brasileiro.
6. **“Exercícios de estilo”** – Finaliza a obra, com o autor brincando com estilos de texto sem perder a pose nem a graça.

Além da capa do livro bastante sugestiva

Enfim, as crônicas estão divididas cada qual em seu devido capítulo e serão apresentadas futuramente, quando algumas delas forem analisadas.

1.2. – Luis Fernando Veríssimo

Quando se analisa um texto literário, é importante observar a época em que foi escrito, bem como as características estéticas predominantes na obra do autor. Ou melhor dizendo: o estilo do escritor e suas relações com as correntes literárias (PRETI, 2003 : 249).

Escritor e jornalista, o gaúcho Luís Fernando Verissimo¹⁹ nasceu em 26 de setembro 1936, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O talento deve ser de família, herdado do pai Érico Veríssimo, um dos maiores escritores de nossa literatura. Foi alfabetizado nos Estados Unidos, para onde a família se muda

em virtude de seu pai ter ido lecionar em uma universidade da Califórnia, por dois anos.

De volta ao Brasil, estuda no Instituto Porto Alegre até os 16 anos. Termina o 2º grau nos EUA e ali vive até 1956. Cursa a Roosevelt High School de Washington, onde também estudou música, sendo até hoje inseparável de seu saxofone. Em 1962, vai para o Rio de Janeiro, onde permanece por cinco anos empregado no jornal da Câmara de Comércio Americana. No começo, escreveu para várias seções (redator, editor nacional e internacional), chegando até a fazer Horóscopo, além de trabalhar como tradutor.

Antes de ganhar a vida escrevendo, Luís Fernando Veríssimo quis ser saxofonista profissional e chegou até a tocar no conjunto Renato e seu Sexteto. Casado e com uma filha pequena (hoje ele tem três filhos), volta para Porto Alegre e, em 1967, trabalha como redator no jornal gaúcho Zero Hora e, aos 31 anos, passa a assinar sua primeira coluna diária no jornal em 1969. Estréia na literatura em 1973 com o livro de crônicas *O popular*.

Luís Fernando Veríssimo é considerado um de nossos melhores escritores de crônica e é muito conhecido do grande público. Entre seus mais de 40 títulos publicados, incluem-se *O analista de Bagé* (1977), *A velhinha de Taubaté* (1983) e *Comédias da vida pública* (1995). *A Família Brasil*, *O marido do Dr. Pompeu* e *As mentiras que os homens contam* são adaptadas para o teatro. Participou também da televisão, criando quadros para o programa Planeta dos Homens, na Rede Globo. Seu livro de crônicas, *Comédias da Vida Privada* (1994), origina a série de mesmo nome produzida também pela TV Globo. Além disso, tem textos de ficção e crônicas publicadas nas revistas Playboy, Cláudia, Domingo (do Jornal do Brasil), Veja, e nos jornais Zero Hora, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e, a partir de junho de 2.000, no O Globo.

Informações tiradas do site oficial de Veríssimo: <http://portalliteral.terra.com.br/verissimo> e http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp. Pesquisa realizada em 25 de maio de 2006.¹

Capítulo 2 – A macroanálise das variações linguísticas

Segundo Preti, pode-se fazer a análise das variações de comportamento linguístico dos falantes, tomando-se como base as *variáveis sociais*, considerando-se, nos falantes, a faixa etária, o sexo (gênero), a profissão, a escolaridade, a origem geográfica, bem como as variáveis psicológicas, seu tipo de pessoa. Essas variáveis, associadas à *situação de comunicação*, isto é, às condições em que se desenvolve a conversação (local, grau de intimidade entre os falantes, tema etc.) poderiam fornecer pistas para uma análise próxima da realidade do comportamento linguístico de um falante, permitindo classificar sua linguagem como culta, comum, popular, vulgar etc.

Em muitos casos as características exteriores ao ato da fala podem explicar muitas variações presentes na interação falada. Analisemos o trecho abaixo da crônica *Pá, Pá, Pá*:

Ex: 1

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isso prestava muita atenção em tudo o que os outros diziam. Era daquelas americanas que prestam muita atenção.

Achava curioso, por exemplo, o “pois é”. Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o “pois é”. Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia “pois é”. Ela não aguentava mais o “pois é”.

Também tinha dificuldade com o “pois sim” e o “pois não”. Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

_Pois não – disse eu, polidamente.

_É exatamente isso! O que quer dizer “pois não”?

_Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse “pois não”. Quer dizer, “pode, esteja à vontade, estou ouvindo, estou às suas ordens...”

(Comédias para se Ler na Escola de Luis Fernando Veríssimo, p. 55)

Ao lermos o trecho acima, podemos perceber que se trata de uma conversa entre uma estrangeira - no caso americana - e um brasileiro. Ao observarmos o contexto em que a conversa se dá, percebemos que a estrangeira não tem domínio do uso da língua portuguesa e por tal motivo queria aprendê-la rapidamente, pois estava num país – o Brasil – no qual esta

língua é a materna e seu uso adequado seria imprescindível para sua comunicação.

Devido ao fato de a moça ser estrangeira, é comum que ela apresente dificuldades em compreender certas variações presentes em outra língua, que não a sua. Por isso, a partir de nossos conhecimentos prévios com relação aos outros tantos idiomas existentes no mundo, nós compreendemos que o texto trata justamente disso, ou seja, das dificuldades que os estrangeiros apresentam ao se depararem com o uso de expressões comuns aos nativos. Assim, certas palavras ou expressões ao pé da letra não significam nada, ou pelo menos, não significam o que parecem significar, como em “pois não” querendo dizer “sim”.

Capítulo 3 – A microanálise das variações lingüísticas

A microanálise contém informações trazidas pela situação interacional, que compreende todos os elementos pragmáticos que acompanham as falas e que geram contrastes, como proximidade/afastamento, clareza/ocultação, poder/submissão, etc., além das estratégias conversacionais empregadas pelos interlocutores durante o diálogo. Portanto, na microanálise devem ser percebidos esses problemas da fala.

Ex: 2

Pode acontecer o seguinte. As revelações sobre o envolvimento de figuras do governo passado em crimes e escândalos chegam a ponto crítico. Civis e militares de graduação inimaginável vêm-se na iminência não de ir para a cadeia, o que contraria os hábitos brasileiros, mas de serem expostos como corruptos, torturadores, etc. O que, sei lá, seria chato. Os protestos contra “revanchismo” não adiantam. É preciso agir para deter a torrente de denúncias que ameaça destruir, na sua fúria persecutória, tudo o que o regime passado deixou de bom. Como, por exemplo, o, a...hm. Bem, é preciso agir.

O golpe é decidido num telefonema no meio da noite. Falam em código.

_Alô, Mão em Cumbuca? Boca na Botija.

_Fala, Boca.

_Tudo certo para amanhã?

_Tudo.

_Tem certeza?

_Tenho. Houve resistência, mas o argumento de que até o Antônio Carlos está nas mãos dos comunistas foi decisivo. A maioria aderiu.

(“Pode Acontecer”, p.87)

O trecho acima trata da conversa entre dois amigos que tramam atacar o Congresso Nacional e pegar políticos como reféns. E para decidir como o golpe seria dado, eles conversam ao telefone por meio de códigos, sendo assim, uma estratégia conversacional utilizada pelos amigos para que não houvesse desconfiança do golpe que pretendiam dar. A conversa também demonstra urgência em relação à preparação das coisas para o dia seguinte, que por ser o dia do golpe deverá estar tudo sob controle.

3.1. Repetição

A repetição serve para enfatizar idéias ditas e também serve para que o interlocutor possa organizar e reorganizar o seu próprio discurso. Segundo Marcuschi, repetindo, o falante alivia a densidade das informações, dando tempo ao ouvinte de compreendê-lo melhor e, por outro lado, reunindo condições de organizar ou reorganizar o seu próprio discurso. E, segundo afirma Preti, a repetição também contribui para o envolvimento entre os interlocutores numa conversação, que se desenvolve num processo de colaboração entre os interlocutores (um discurso a dois):

Ex. 3

_Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

_O quê?

_Controla, chuta...

_Ah, então é uma bola.

_Claro que é uma bola.

_Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

(“A Bola”, p.42)

O trecho acima trata de uma conversa que se dá de pai para filho. O pai presenteia o filho com uma bola, pois relembra da alegria que sentira em sua infância ao ganhar sua primeira bola de seu pai. Porém, seu filho é louco por vídeo-game e não se empolga com o presente.

Podemos verificar a repetição do substantivo bola para enfatizar a ideia de que aquele objeto não reconhecido imediatamente pelo garoto tratava apenas de uma simples bola, algo comum na vida da maioria dos meninos de sua época, ou melhor, da época do pai. E é perceptível que os interlocutores, embora com visões diferentes sobre a bola, estão envolvidos no processo conversacional, pois estão dialogando sobre o mesmo assunto.

3.2. Marcadores Conversacionais

Uma das técnicas narrativas de *envolvimento* do leitor é o uso de marcadores conversacionais, simulando uma história oral: *bom, pois é, então, daí então, veja, certo, bem, eu acho etc*". (Marcuschi, 1986:6.8)

Os marcadores citados acima são recursos verbais, que segundo Marcuschi (2007), operam como marcadores que formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência.

Ex: 4

Também tinha dificuldade com o "pois sim" e o "pois não". Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

_Pois não – disse eu, polidamente.

_É exatamente isso! O que quer dizer "pois não"?

_Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse "pois não". Quer dizer, "pode, esteja à vontade, estou ouvindo, estou às suas ordens..."

(“Pá, Pá, Pá”, p.55)

O trecho acima nos mostra alguns marcadores conversacionais que simulam uma história oral. É o caso de *pois sim, pois não e bom*.

Pois sim e pois não são expressões que ao pé da letra não significam nada. Servem apenas para manter um diálogo entre as pessoas.

Pois sim é usado quando alguém discorda ou não acredita no que é dito por outra pessoa. *Pois não* significa que o outro está dando atenção ao que você pergunta e está às suas ordens, como é explicado no próprio trecho acima. Já o marcador conversacional *bom* nos mostra que o personagem organiza suas ideias para responder à pergunta *O que quer dizer "pois não"?*. e nos retoma a pergunta para explicar a dúvida.

3.3. O léxico

Conforme já citado no início desta pesquisa, o léxico, ou o vocabulário, na maioria das vezes, é a única marca da oralidade na voz narrativa. (Cf.Preti, 1984b) Ao escolher o vocabulário para escrever um texto, além de serem

criados diálogos que demonstram a voz do personagem, também são escolhidas as palavras de forma a aproximá-las da realidade de tal personagem. Ou seja, ao criar a realidade de um personagem refinado, de classe média alta, seu vocabulário será comprometido com uma linguagem mais formal, culta e também refinada. Já, ao criar a realidade de um personagem popular, o seu vocabulário estará comprometido com a fala simples. Faz parte do vocabulário popular as gírias.

Ex: 5

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho.

(“A Bola”, p.42)

A crônica acima pertence ao capítulo chamado *Outros Tempos*, o que demonstra exatamente o uso do léxico apropriado aos personagens pertencentes a cada época.

O garoto utiliza a palavra “legal” referindo-se, provavelmente, à ideia de que achou o presente interessante. É uma gíria utilizada pelos jovens de hoje em dia, como está escrito na própria crônica.

3.4. Fatores pragmáticos linguísticos e extralinguísticos nas crônicas

A crônica é um gênero textual que explora os conhecimentos prévios do leitor, o que auxilia o mesmo na compreensão do texto, fazendo com que este faça sentido. Portanto, é importante ressaltar o que são pontos linguísticos e extralinguísticos que são encontrados nestes gêneros textuais que contribuem para com o entendimento do texto.

O conhecimento lingüístico é de grande importância na leitura, pois o leitor tem de dominar a linguagem do escritor e da língua, tendo em mente que de acordo com KOCH e TRAVAGLIA (1993: 60) o conhecimento lingüístico compreende o conhecimento gramatical e o lexical. E a partir do momento que

dominamos a linguagem do autor torna-se mais fácil interpretá-lo. Este tipo de conhecimento também é necessário para o cálculo da coerência.

A coerência textual depende muito do conhecimento de mundo do escritor e do leitor, pois é por meio dele que é gerada a compreensão textual. Este tipo de conhecimento é formado pela cultura /crenças tanto do emissor quanto do receptor. KOCH e TRAVAGLIA defendem que (1993:60-61) “... O estabelecimento do sentido de um texto depende em grande parte do conhecimento de mundo dos seus usuários porque é só este conhecimento que vai permitir a realização de processos cruciais para a compreensão...” e “o conhecimento de mundo é visto como uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória”; Para KOCH e TRAVAGLIA (1993, 67) “...O conhecimento de mundo é importante para o processo de compreensão do texto, emissor e receptor têm de ter conhecimentos de mundo com um certo grau de similaridade.”

Diretamente relacionado ao conhecimento de mundo está o conhecimento partilhado. No texto, tanto o leitor/receptor como escritor/emissor estão presentes na estrutura informacional e devem ter em si a similaridade do mundo de ambos.

E todo texto ao ser produzido possui uma intencionalidade e deve ter aceitabilidade por parte de quem o lê. A intencionalidade que um escritor tem ao escrever um texto faz com que ele se esforce em construir uma eficiente comunicação, capaz de tornar o texto satisfatório para os leitores.

A intencionalidade trata “da intenção do emissor de produzir uma manifestação lingüística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize integralmente, podendo mesmo ocorrer casos em que o emissor afrouxa deliberadamente a coerência com o intuito de produzir efeitos específicos.

(Koch e Travaglia, p.79)

Já a aceitabilidade está presente quando o texto está coerente, coeso, útil e relevante, para que possa ser compatível com as expectativas do leitor; fazendo assim com que o leitor aceite o tipo de texto, para que possa entender e interpretar o mesmo. Para Koch e Travaglia (1993, p. 79)...a aceitabilidade diz respeito à atitude dos receptores “de aceitarem a manifestação lingüística

como um texto coesivo e coerente, que tenha para eles alguma utilidade ou relevância.

Enfim, todas as características conceituadas anteriormente irão contribuir para com a análise de algumas crônicas, pois aquelas são responsáveis pela sustentação da atenção do leitor nestas.

Portanto, no próximo capítulo serão analisadas algumas crônicas segundo a macroanálise e microanálise, as quais englobam todos os outros critérios já apresentados anteriormente.

O próximo capítulo apresenta a macroanálise e micronanálise de seis crônicas. Na microanálise foram feitas observações das características da linguagem falada presentes na escrita dentro das situações discursivas.²

Capítulo 4 – Análise dos textos

Conforme já citado anteriormente, as crônicas que serão analisadas seguirão os critérios da macroanálise e da microanálise, considerando nesta última as características gerais da linguagem falada presentes na escrita. Essas características serão destacadas em algumas crônicas do autor Luis Fernando Veríssimo.

4.1. A Foto

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o bisa sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem is tirar a fotografia. Mas quem is tirar a fotografia?

_Tira você mesmo, ué.

_Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

_Tiro eu _ disse o marido da Bitinha.

_Você fica aqui _ comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse. “Não deixa eles te humilharem, Mário Cesar”, dizia sempre. O Mário Cesar ficou firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão, maldosa:

_Acho que quem deve tirar é o Dudu...

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas a Andradina segurou o filho.

_Só faltava essa, o Dudu não sair.

E agora?

_Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não em nem timer!

O Castelo impávido. Tinham ciúmes dele. Porque ele tinha um Santana do ano. Porque comprara a câmara num duty free da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era “Dutifri”, mas ele não sabia.

_Revezamento _ sugeriu alguém. _Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta da bisa. Foi quando o próprio bisa se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

_Dá aqui.

_Mas seu Domicio...

_Vai pra lá e fica quieto.

_Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!

_Eu fico implícito _ disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

(“A Foto”, p. 37)

A *Foto* pertence ao capítulo *Equívocos* e como o próprio nome diz trata de situações desencontradas e até inusitadas e é exatamente isso que é possível perceber na crônica acima.

4.1.1. A macroanálise e microanálise da crônica *A Foto*

A *Foto* trata de uma reunião familiar numa festa de fim de ano, que muitas famílias costumam reunir-se em datas comemorativas, apenas:

Ex: 6

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez.

A *Foto* trata de um assunto bastante corriqueiro nas reuniões de família, geralmente ocasionadas por festas, que é tirar fotografias dos presentes para que no futuro sirvam de recordações de um momento importante da vida das pessoas. Porém, o grande problema estava em quem tiraria a fotografia de toda a família reunida se alguém teria que acionar a câmara. E aí começam os desencontros.

No trecho *_Tira você mesmo, ué.* - alguém disse simples e convictamente ao dono da câmara – o Castelo – para que ele mesmo tirasse a foto e o marcador conversacional *ué* explicita a fácil conclusão dada por alguém ao fato que para ele era aparentemente simples, pois quem estava com a máquina na mão deveria tirar a foto:

Ex: 7

Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem is tirar a fotografia. Mas quem is tirar a fotografia?

_Tira você mesmo, ué.

Mas em oposição à ideia do interlocutor que achou que o próprio Castelo deveria tirar a foto, vem a resposta do Castelo:

Ex: 8

Ah, é? E eu não saio na foto?

O marcador conversacional “Ah” apresenta, aparentemente, um tom irônico na pergunta, o que é confirmado pela pergunta seguinte:

Ex: 9

E eu não saio na foto?

E esta contrariedade do personagem Castelo se dá por vários motivos:

Ex: 10

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

E então, começaram as indicações para ver quem tiraria a fotografia.

No trecho *Acho que quem deve tirar é o Dudu...* as reticências nos evidenciam um pensamento inacabado por meio da fala, mas que, provavelmente, contém muita coisa por trás delas:

Ex: 11

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho do Luiz Olavo.

Depois disso, sua mãe Andradina o segurou dizendo:

Ex: 12

Só faltava essa, o Dudu não sair.

A expressão *só faltava essa* demonstra o tom irônico da mãe de Dudu que se opôs a ideia de seu filho não sair na foto.

E então, alguém disse:

Ex: 13

_Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não tem nem timer!

A palavra *Pô* vem da expressão exclamativa *poxa* que nos dá a ideia de incompatibilidade por parte de alguém em relação à câmara, que segundo a expressão acima, *só faltava falar*. Esta última é uma expressão oral utilizada com o sentido de perfeita, de última geração, o que é contradito com *e não tem nem timer!*

E para concluir a história e acabar com a indecisão de quem tiraria a fotografia, seu Domício que era o motivo pelo qual a família queria a foto, por estarem todos reunidos e ele no morre não morre, resolveu tirar a foto, mas alguém interveio:

Ex: 14

_Mas seu Domício...

As reticências evidenciam que a fala inacabada demonstra oposição a ideia do biso – seu Domício -, pois ele era o integrante mais importante da foto.

Mas, para fazer jus ao título do capítulo *Equívocos*, o biso disse que ele ficaria implícito na foto para acabar com a discussão:

Ex: 15

_Eu fico implícito _ disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

4.2. A Bola

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Um número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

_Como é que liga? _ perguntou.

_Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

_Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

_Não precisa manual de instrução.

_O que é que ela faz?

_Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

_O quê?

_Controla, chuta...

_Ah, então é uma bola.

_Claro que é uma bola.

_Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

_Você pensou que fosse o quê?

_ Nada, não.

O garoto agradeceu, disse “Legal” de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Ball, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

_Filho, olha.

O garoto disse “Legal” mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

(“A Bola”, p. 41)

A Bola pertence ao capítulo *Outros tempos*, e como o próprio título do capítulo nos mostra, as crônicas pertencentes a ele nos remetem ao passado, fazendo com que comparemos o passado e o presente de nossas vidas, como as coisas eram e como agora são.

4.2.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica *A Bola*

A Bola trata de uma conversa que se dá de pai para filho. O pai presenteia o filho com uma bola, pois relembra da alegria que sentira em sua

infância ao ganhar sua primeira bola de seu pai. Porém, seu filho é louco por vídeo-game e não se empolga com o presente.

Ex: 16

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai.

A história do texto *A Bola* nos remete ao uso da linguagem em diferentes épocas, o que fica evidenciado pelo fato da diferença de idade que há entre pai e filho e o linguajar utilizado pelo filho, pois para este último o uso de determinadas palavras consideradas gírias, como é o caso da palavra *Legal*, é comum e até podem ser usadas despercebidamente devido a aparente pouca idade que tem.

O garoto utiliza a palavra “legal” referindo-se, provavelmente, à ideia de que achou o presente interessante. É uma gíria utilizada pelos jovens de hoje em dia, como está escrito na própria crônica.

Com relação ao léxico, segue abaixo um bom exemplo para determinar a diferença dos tempos de pai e filho.

Ex: 17

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho.

A diferença de idade e de mundos pode-se relacionar com o título do capítulo *Outros tempos*, pois a realidade da infância do pai foi diferente da realidade da infância do filho, o que está atrelado ao desenvolvimento da tecnologia dos tempos atuais.

E por serem pai e filho e dialogarem normalmente, podemos perceber o alto grau de intimidade entre eles. E esta intimidade também pode ser ressaltada pelo uso das repetições, pois, como já citado anteriormente, segundo Preti, a repetição também contribui para o envolvimento entre os interlocutores numa conversação, que se desenvolve num processo de colaboração entre os interlocutores (um discurso a dois):

Ex: 18

_Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

_O quê?

_Controla, chuta...

_Ah, então é uma bola.

_Claro que é uma bola.

_Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

Podemos verificar a repetição do substantivo bola para enfatizar a ideia de que aquele objeto não reconhecido imediatamente pelo garoto tratava apenas de uma simples bola, algo comum na vida da maioria dos meninos de sua época, ou melhor, da época do pai. E é perceptível que os interlocutores, embora com visões diferentes sobre a bola, estão envolvidos no processo conversacional, pois estão dialogando sobre o mesmo assunto.

4.3. Sexa

_Pai...

_Hmmm?

_Como é o feminino de sexo?

_O quê?

_O feminino de sexo.

_Não tem.

_Sexo não tem feminino?

_Não.

_Só tem sexo masculino?

_É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.

_E como é o feminino de sexo?

_Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.

_Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.

_O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.

_Não devia ser "a sexa"?

_Não.

_Por que não?

_Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.

_O sexo da mulher é masculino?

_É. Não! O sexo da mulher é feminino.

- _E como é o feminino?
- _Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- _O sexo da mulher é igual ao do homem?
- _É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?
- _Certo.
- _São duas coisas diferentes.
- _Então como é o feminino de sexo?
- _É igual ao masculino.
- _Mas não são diferentes?
- _Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- _Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- _A palavra é masculina.
- _Não. "a palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
- _Chega! Vai brincar, vai.
- O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- _Temos que ficar de olho nesse guri...
- _Por quê?
- _Ele só pensa em gramática.

("Sexa" , p. 53)

Sexa pertence ao capítulo *De olho na linguagem*, e como o próprio título do capítulo nos mostra, as crônicas pertencentes a ele tratam do uso da linguagem, ou seja, fica evidenciado aqui a metalinguagem, isto é, a linguagem explicando a própria linguagem.

4.3.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica *Sexa*

É possível verificar em *Sexa* que o diálogo se dá de filho para pai, que demonstram bastante intimidade em sua conversa, e que a dúvida que advém do filho provém de seu conhecimento de mundo – de acordo com sua idade – do uso de masculino e feminino para a maioria dos substantivos da língua portuguesa.

Considerando-se que na gramática da língua portuguesa o gênero, número e grau são estudados para analisarmos morfologicamente as palavras, torna-se, talvez, complicado compreender que certas palavras são invariáveis, como é o caso da palavra *sexo*. Daí a dificuldade de um garoto, aparentemente tão jovem, assimilar as exceções presentes em sua língua materna.

Portanto, obviamente, não é por falta de atenção que o garoto desconhece o feminino da palavra *sexo*, principalmente se considerarmos o que está escrito na última oração do diálogo dita pelo pai:

Ex: 19

_Ele só pensa em gramática.

Na verdade, não é que o garoto só pensa em gramática, mas sim que sua dúvida foi causada por ela, pois provavelmente em seu ver, assim como existe menino/menina; avô/avó, o correto seria seguir a regra e existir *sexo/sexo*.

O diálogo da crônica inicia-se com o chamamento do garoto pelo pai, sendo que aquele aguarda a atenção deste, o que é representado pelo uso das reticências. O pai o responde com uma interrogativa *_Hmmm?*, sendo este um marcador conversacional que implicitamente quer dizer: *_Pode falar. Estou ouvindo.*

Neste momento, vale lembrar que toda conversa se dá com um propósito e que os falantes planejam estrategicamente sua conversa para que possam chegar ao fim pretendido. E como diz Dionísio, por ter expectativas prévias, o falante sempre procura estratégias para fazer com que elas ocorram, bem como fica atento à reação do seu interlocutor.

O diálogo entre o garoto e o pai inicia-se assim que o garoto obtém a atenção do pai e devido sua aparente pouca idade, ele não faz rodeios, ou melhor, não faz uma sequência preparatória, ou seja, o garoto vai direto à pergunta de seu real interesse que é saber o feminino de *sexo*.

E o pai aparentemente indignado com a pergunta por provavelmente ter imaginado *sexo* em seu tom malicioso ou por simplesmente não ter entendido a pergunta, o responde com outra pergunta:

Ex: 20

_O quê?

E o garoto simplesmente afirma sua dúvida e a partir daí a conversa flui com a insistência do garoto pela pergunta inicial já citada anteriormente. Até

que o garoto reformula sua pergunta, por provavelmente não considerar as respostas do pai adequadas e diz:

Ex: 21

_Não devia ser “a sexa”?

Nesta pergunta, fica evidente a imaturidade do garoto com relação ao uso da gramática, provavelmente, atrelada a sua pouca idade.

É possível também verificar que a pergunta está formulada de acordo com a fala, isto é, a pergunta é iniciada com um advérbio de negação seguido do verbo *ser* conjugado no presente do modo indicativo, o qual espera como resposta um *sim*. Além do verbo *dever* estar conjugado no pretérito imperfeito do modo indicativo, o qual de acordo com a norma culta escrita deveria estar conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo.

Como a forma de falar pode variar da escrita, os pontos citados acima são características bastante relevantes do ato da fala, pois esta, segundo Preti é uma atividade não-planejada e há um *continuum* entre as duas modalidades “Mesmo porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa.”

4.4. Bobagem

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano-novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

_Alô?

_Alô. Sou eu.

_Eu quem?

_Eu, pô.

O outro fez silêncio. Depois disse:

_Ah. É você.

_Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz ano-novo. Entendeu?

_Obrigado.

_Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...

_Feliz ano-novo pra você também.

_Eu nem me lembro mais por que nós brigamos. Juro que não me lembro.

_Eu também não lembro.

_Então, grande. Como vai Vivinha?

_Bem , bem. Quer dizer, mais ou menos. As enxaquecas...

Ele ficou engasgado. De repente se deu conta de que tinha saudades até das enxaquecas da Vivinha. Como podiam ter passado tantos anos sem se ver? Como tinham deixado uma bobagem afastá-los daquela maneira? As pessoas precisavam se reaproximar. Aquele seria o seu projeto para o fim do milênio. Reaproximar-se das pessoas. Só dar importância ao que aproximava. Puxa! Estava tão enternecido com as enxaquecas da Vivinha que mal podia falar.

_A vida é muito curta. Você está me entendendo? Assim não dá.

Era como se estivesse reclamando com o fornecedor. A vida vinha com a carga muito pequena. Era preciso um botijão maior, senão não dava mesmo. E ainda desperdiçavam a vida com bobagem.

Ele quis marcar um encontro para ontem. No Lucas, como antigamente. O outro foi mais sensato e contrapropôs hoje, prevendo que ontem seria um dia de ressaca e segundos pensamentos. E tinha razão. Ontem á noite, ele voltou a telefonar. Falou secamente. Pediu desculpas, disse que não poderia ir ao encontro e despediu-se com um formal “Melhoras para a Vivinha”.

Tinha se lembrado da bobagem que motivara a briga.

(“Bobagem” , p. 83)

Bobagem pertence ao capítulo *Fábulas* que tem como objetivo apresentar uma lição de moral por meio da leitura do texto, sendo possível identificá-la após lê-lo, estando, neste caso, implícita no próprio título do mesmo.

4.4.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica *Bobagem*

Bobagem associa uma bêbado à comemoração do Ano Novo, o que está implícito na ideia de que no *Reveillon* as pessoas festejam bebendo. E a bebedeira também está associada às recordações do passado, ou melhor, a bebedeira faz com que a pessoa exteriorize seus sentimentos mais facilmente.

Bobagem nos mostra uma conversa ao telefone entre duas pessoas aparentemente mais maduras, mais vividas. É o que pode ser verificado em:

Ex: 22

Como podiam ter passado tantos anos sem se ver?

Segundo Marcuschi, há muitas maneiras de iniciar uma conversação, dependendo da situação, das circunstâncias e dos meios para tanto utilizados:

Ex: 23

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano-novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

_Alô?

_Alô. Sou eu.

_Eu quem?

_Eu, pô.

O outro fez silêncio. Depois disse:

_Ah. É você.

_Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz ano-novo. Entendeu?

Bobagem apresenta uma conversação telefônica e segundo Marcuschi o mais normal numa conversação é que ela tenha pelo menos três seções distintas estruturalmente, ou seja, uma abertura, um desenvolvimento e um fechamento.

Como é possível verificar em *Bobagem*, a abertura da conversa se deu por meio de uma ligação feita devido o telefonador ter se lembrado de um velho desafeto e provavelmente ter sentido saudades que foram exteriorizadas graças à sua bebedeira em decorrência do Ano Novo.

Ex: 24

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano-novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

Vale ressaltar, segundo afirma Marcuschi, que nos telefonemas, o canal de contato é puramente linguístico; todos os problemas devem ser resolvidos verbal e explicitamente e é uma das poucas conversações das quais se pode obter o início, o desenvolvimento e a conclusão integralmente. Ou seja, o telefonema ocorre devido à intenção que o telefonador tem em conversar com o seu interlocutor. A intenção da ligação se solidifica, o que se dá por meio do desenvolvimento do assunto e quando este se dá por concluído, existe a despedida que refere-se à conclusão do telefonema.

Quem recebe a ligação é quem tem o primeiro turno da conversa e deve estabelecer o contato. Isto dá a regra básica da abertura: o telefonado fala primeiro. Segundo Marcuschi, quanto à forma usada pelo telefonado, a variação é grande predominando na maioria dos casos o “alô”. É o que pode ser verificado no seguinte trecho:

Ex: 25

_Alô?
_Alô. Sou eu.

Portanto, quem atende ao telefone quando toca é quem vai iniciar a conversação dizendo *alô, quem, pronto, fala* entre outros.

E conforme o telefonado atende ao telefone e estabelece o contato de ligação, o telefonador geralmente se identifica, podendo também o telefonado perguntar *com quer falar?* ou *quem é?*, tendo o telefonador, neste caso, a obrigação de auto-identificar-se, segundo Marcuschi. Porém, como Marcuschi afirma, é muito comum num telefonema um identificar o outro, usando o reconhecimento do timbre ou qualidade de voz:

Ex: 26

_Alô?
_Alô. Sou eu.
_Eu quem?
_Eu, pô.
O outro fez silêncio. Depois disse:
_Ah. É você.

No trecho acima, pode-se notar que não houve identificação do telefonador, porém este foi reconhecido, provavelmente, pelo timbre ou qualidade de voz, que pode ser comprovado em *_Ah. É você.*

Logo após o contato estabelecido, inicia-se o tópico da conversa e a regra para introdução deste é: quem telefona propõe o tópico, isto é, conforme já citado anteriormente, quem liga é quem tem uma certa intenção, um objetivo que espera alcançar por meio da ligação:

Ex: 27

- _Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz ano-novo. Entendeu?
- _Obrigado.
- _Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...
- _Feliz ano-novo pra você também.
- _Eu nem me lembro mais por que nós brigamos. Juro que não me lembro.
- _Eu também não lembro.

No trecho acima é possível identificar o tópico da conversa que foi um pouco adiado, pois o telefonador demonstra em primeira instância que ligou apenas para desejar feliz ano-novo e logo em seguida diz que nem se lembra mais porque brigaram, sendo esta a real intenção do telefonador, que é aparentemente reatar um relacionamento antigo:

Ex: 28

- _Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...

As reticências evidenciam que o telefonador tem algo a mais a dizer, hesitando talvez em como dizer, o que provavelmente foi organizado durante a fala de quem recebeu o telefonema.

E para concluir a conversa, os interlocutores precisaram se falar novamente por meio de telefonema para dar a conversa como encerrada, mostrando arrependimento da conversa que sucedera até então:

Ex: 29

Pediu desculpas, disse que não poderia ir ao encontro e despediu-se com um formal “Melhoras para a Vivinha”.

No trecho acima, a despedida encerra a conversa demonstrando que o telefonador não quer mais manter contato com o outro, o que é confirmado com o fato de o telefonador ter se lembrado da bobagem que os separaram durante tantos anos, o que para ele, provavelmente, não era tão bobagem assim:

Ex: 30

Tinha se lembrado da bobagem que motivara a briga.

E aí é possível voltarmos ao título do capítulo *Fábulas* e compreendermos a história da crônica acima, pois uma bobagem pode motivar uma briga que talvez destrua o relacionamento das pessoas, portanto, é importante relevar certas coisas e tentar compreender outras. Porém, por ironia do autor do texto, o telefonador ao lembrar-se da bobagem que o separou do antigo afeto, mais uma vez erra e encerra esta relação, sendo esta, possivelmente, a grande bobagem de sua vida.

4.5. ABC

Quando a gente aprende a ler, as letras, nos livros, são grandes. Nas cartilhas – pelo menos nas cartilhas do meu tempo – as letras eram enormes. Lá estava o A, como uma grande tenda. O B, com seu grande busto e sua barriga ainda maior. O C, sempre pronto a morder a letra seguinte com a sua grande boca. O D, com seu ar próspero de grão-senhor. Etc. Até o Z, que sempre me parecia estar olhando para trás. Talvez porque não se convencesse que era a última letra do alfabeto e quisesse certificar-se de que atrás não vinha mais nenhuma.

As letras eram grandes, claro, para que decorássemos a sua forma. Mas não precisavam ser tão grandes. Que eu me lembre, minha visão na época era perfeita. Nunca mais foi tão boa. E no entanto os livros infantis eram impressos com letras graúdas e entrelinhas generosas. E as palavras eram curtas. Para não cansar a vista.

À medida que a gente ia crescendo, as letras iam diminuindo. E as palavras, aumentando. Quando não se tem mais uma visão de criança é que se começa, por exemplo, a ler jornal, com seus tipos miúdos e linhas apertadas que requerem uma visão de criança. Na época em que começamos a prestar atenção em coisas como notas de pé de página, bulas de remédio e subcláusulas de contrato, já não temos mais metade da visão perfeita que tínhamos na infância, e esbanjávamos nas bolas da Lulu e no corre-corre do Faísca.

Chegamos à idade de ler grossos volumes em corpo 6 quando só temos olhos para as letras gigantescas, coloridas e cercadas de muito branco, dos livros infantis. Quanto mais cansada a vista, mais exigem dela. Alguns recorrem à lente de aumento para seccionar as grandes palavras em manejáveis monossílabos infantis. E para restituir às letras a sua individualidade soberana, como tinham na infância.

O E, que sempre parecia querer distância das outras.

O R! Todas as letras tinham pé, mas o R era o único que chutava.

O V, que aparecia em várias formas: refletido na água (o X), de muletas (o M), com o irmão siamês (o W).

O Q, que era um O com a língua de fora.

De tanto ler palavras, nunca mais reparamos nas letras. E de tanto ler frases, nunca mais notamos as palavras, com todo o seu mistério.

Por exemplo: pode haver palavras mais estranha do que “esdrúxulo”? É uma palavra, sei lá. Esdrúxula. Ainda bem que nunca aparecia nas leituras da infância, senão teria nos desanimado. Eu me recusaria a aprender uma língua, se soubesse que ela continha a palavra “esdrúxulo”. Teria fechado a cartilha e ido jogar bola, para sempre. As cartilhas, com sua alegre simplicidade, serviam para dissimular os terrores que a língua nos reserva. Como “esdrúxulo”. Para não falar em “autóctone”. Ou, meu Deus, em “seborréia”!

Na verdade, acho que as crianças deviam aprender a ler nos livros do Hegel e em longos tratados de metafísica. Só elas têm a visão adequada à densidade do texto, o gosto pela abstração e tempo disponível para lidar como o infinito. E na velhice, com a sabedoria acumulada numa vida de leituras, com as letras ficando progressivamente maiores à medida que nossos olhos se cansavam, estaríamos então prontos para enfrentar o conceito básico de que vovô vê a uva, e viva o vovô.

Vovô vê a uva! Toda a nossa inquietação, nossa perplexidade e nossa busca terminariam na resolução deste enigma primordial. Vovô. A uva. A visão.

Nosso último livro seria a cartilha. E a nossa última aventura intelectual, a contemplação enternecida da letra A. Ah, o A, com suas grandes pernas abertas.

(“ABC” , p. 113)

ABC pertence ao capítulo *Falando Sério* que tem como objetivo tratar de temas que causam reflexão nas mentes pensantes e, segundo Ana Maria Machado, *Falando Sério* refere-se às divagações sobre um determinado tema e neste caso, refere-se à importância da leitura durante toda a nossa vida.

4.5.1. A macroanálise e microanálise da crônica ABC

A crônica *ABC* pode ser interpretada a partir da importância da leitura durante toda a vida do ser humano, desde criança até a velhice, isto é, como é o primeiro contato da criança com a leitura, ou melhor com o livro e como este contato passa a ser cada vez mais intenso com o passar do tempo. Porém, é este mesmo tempo que faz com que a leitura torne-se cada vez mais difícil, pois o tamanho das letras dos livros diminuem e a visão do ser humano muitas vezes vai perdendo a boa qualidade que tinha quando os leitores eram mais jovens.

O texto *ABC* é uma espécie de desabafaço com relação ao pensamento do escritor que tem como ouvinte o próprio leitor. O entendimento do ouvinte/leitor se dá por meio do seu conhecimento de mundo que está associado ao conhecimento de mundo explorado pelo escritor do texto.

A divagação sobre o assunto foi feita aparentemente por uma pessoa mais velha que tem a vida toda como experiência e, obviamente, tenta criticar a dificuldade das pessoas permanecerem com o hábito da leitura devido aos problemas comuns ocasionados pelo decorrer da vida. E o escritor do texto é, aparentemente, culto, pois sua forma de argumentar o assunto nos mostra isso. De acordo com Preti, 2004: 139:

Essas variações, associadas à situação de comunicação, isto é, às condições em que se desenvolve a conversação (local, grau de intimidade entre os flantes, tema etc.) poderiam fornecer pistas para uma análise próxima da realidade do comportamento linguístico de um falante, permitindo classificar sua linguagem como culta, comum, popular, vulgar etc.

Com relação à linguagem utilizada pelo escritor do texto no primeiro parágrafo, o interlocutor refere-se a si e aos outros como *a gente*, o que demonstra coloquialidade da língua portuguesa e isto também demonstra que o interlocutor – no caso, o escritor do texto – é, aparentemente, alguém próximo de quem está lendo ou ouvindo seu texto. Ou melhor, se mostra alguém que tem sua realidade próxima da realidade de outras pessoas.

Mas mesmo parecendo simples, o interlocutor também é aparentemente culto, pois reflete sobre a importância da leitura na vida das pessoas, sendo este um tema que abrange a todos. Porém na maioria das vezes, somente quem tem maior conhecimento cultural demonstra preocupação com a relevância da leitura e pode ser capaz de refletir sobre ela.

E ao se debruçar sobre a importância da leitura, o escritor relata sua visão infantil sobre as letras:

Ex: 31

Lá estava o A, como uma grande tenda. O B, com seu grande busto e sua barriga ainda maior. O C, sempre pronto a morder a letra seguinte com a sua grande boca. O D, com seu ar próspero de grão-senhor. Etc. Até o Z, que sempre me parecia estar olhando para trás. Talvez porque não se convencesse que era a última letra do alfabeto e quisesse certificar-se de que atrás não vinha mais nenhuma.

De acordo com o trecho acima, o escritor relata a importância de ser conservada a individualidade das letras, que elas por si só são importantes, porém, ao ler as palavras, apenas seus significados são relevantes e ao ler frases, são os seus contextos que importam:

Ex: 32

E para restituir às letras a sua individualidade soberana, como tinham na infância.

O E, que sempre parecia querer distância das outras.

O R! Todas as letras tinham pé, mas o R era o único que chutava.

O V, que aparecia em várias formas: refletido na água (o X), de muletas (o M), com o irmão siamês (o W).

O Q, que era um O com a língua de fora.

De tanto ler palavras, nunca mais reparamos nas letras. E de tanto ler frases, nunca mais notamos as palavras, com todo o seu mistério.

E ao divagar sobre seus pensamentos, o escritor de *ABC* parece estar literalmente conversando com seu leitor, quando:

_ Utiliza marcador conversacional como *claro* para justificar sua própria explanação das idéias:

Ex: 33

As letras eram grandes, claro, para que decorássemos a sua forma.

_ Utiliza a expressão *sei lá* para demonstrar o que pensa sobre uma determinada palavra:

Ex: 34

Por exemplo: pode haver palavra mais estranha do que “esdrúxulo”? É uma palavra, sei lá. Esdrúxula.

_ Utiliza a expressão *para não falar*, o que nos dá a ideia de uma real conversação:

Ex: 35

Para não falar em “autóctone”.

_Utiliza a expressão *meu Deus* no sentido de inconformismo, o que é confirmado com o uso de exclamação no final da sua expressão:

Ex: 36

Ou, meu Deus, em “seborréia”!

E, por fim, o escritor nos mostra as letras com sua visão amadurecida e até maliciosa. No caso, esta visão seria a de um idoso se tivesse toda a experiência de leitura de uma vida inteira e com o passar dos anos teria sua leitura mais facilitada. Ou seja, quando criança a leitura seria mais extensa e profunda e conforme os anos iriam passando, a leitura seria mais fácil, com letras graúdas e palavras menores para não cansar a vista, a qual numa certa idade já está bastante cansada devido ao esforço que teve durante as tarefas do dia-a-dia no decorrer de uma vida inteira:

Ex: 37

Na verdade, acho que as crianças deviam aprender a ler nos livros do Hegel e em longos tratados de metafísica. Só elas têm a visão adequada à densidade do texto, o gosto pela abstração e tempo disponível para lidar como o infinito. E na velhice, com a sabedoria acumulada numa vida de leituras, com as letras ficando progressivamente maiores à medida que nossos olhos se cansavam, estaríamos então prontos para enfrentar o conceito básico de que vovô vê a uva, e viva o vovô.

Vovô vê a uva! Toda a nossa inquietação, nossa perplexidade e nossa busca terminariam na resolução deste enigma primordial. Vovô. A uva. A visão.

Nosso último livro seria a cartilha. E a nossa última aventura intelectual, a contemplação enternecida da letra A. Ah, o A, com suas grandes pernas abertas.

Com relação ao trecho acima, a expressão *Ah* nos remete ao tom malicioso do escritor, pois demonstra que existe algo por dizer e que é dito, provavelmente, devido à experiência de vida de um indivíduo leitor:

Ex: 38

Ah, o A, com suas grandes pernas abertas.

4.6. Siglas

_Bota aí: “P”

_”P”?

_De “Partido”.

_Ah.

_Nossa proposta qual é? De união, certo? Acho que a palavra “União” deve constar do nome.

_Certo. Partido de União...

_Mobilizadora!

_Boa! Dá a ideia de ação, de conagraçamento dinâmico. Partido da União Mobilizadora.

Como é que fica a sigla?

_PUM.

_Não sei não...

_É. Vamos tentar outro. Deixa ver. “P”...

_“P” é tranquilo.

_Acho que “Social” tem que constar.

_Claro. Partido Social...

_Trabalhista?

_Fica PST. Não dá.

_É. Iam acabar nos chamando de “Ei, você”.

_É mesmo “trabalhista”, não sei. Alguém aqui é trabalhista?

_Isso é o de menos. Vamos ver “P”...

_Quem sabe a gente esquece o “P”?

_É. O “P” atrapalha. Bota “A”, de Aliança. Aliança Inovadora...

_AI.

_Que foi?

_Não. A sigla. Fica AI.

_Espera. Eu ainda não terminei. Aliança Inovadora...de Arregimentação Institucional.

_AIAI...Sei não.

_É. Pode ser mal interpretado.

_Vanguarda Conservadora?

_Você enlouqueceu? Fica VC.

_Aliança Republicana de Renovação do Estado.

_ARRE!

_O quê?

_Calma.

_Espera aí, pessoal. Quem sabe a gente define a posição ideológica do partido antes de pensar na sigla? Qual é, exatamente, a nossa posição?

_Bom, eu diria que estamos entre a centro-esquerda e a centro-direita.

- _Então é no centro.
- _Também não vamos ser radicais...
- _Nós somos a favor da reforma agrária?
- _Somos, desde que não toquem na terra.
- _Aceitaremos qualquer coalizão partidária para impedir a propagação do comunismo no Brasil.
- _Inclusive com o PCB e o PC do B?
- _Claro.
- _Não devemos ter medo de acordos e alianças. Afinal, um partido faz pactos políticos por uma razão mais alta.
- _Exato. A de chegar ao poder e esquecer os pactos que fez.
- _Partido Ecumênico Republicano Unido.
- _PERU?
- _Movimento Institucionalista Alerta e Unido.
- _MIAU?!
- _Que tal KIM?
- _O que significa?
- _Nada, eu só acho o nome bonito.
- _MUMU. Movimento Ufanista Mobilização e União.
- _MMM...Movimento Moderador Monarquista.
- _Mas nós somos republicanos.
- _Eu sei. Mas por uma boa sigla a gente muda.
- _TCHAU.
- _Hum, boa. Trabalho e Capital em Harmonia com Amor e União?
- _Não, é tchau mesmo.
- _Aonde é que você vai?
- _Abrir uma dissidência.

(“Siglas”, p. 135)

Siglas pertence ao capítulo *Exercícios de Estilo* que como o próprio nome diz refere-se à estilística do texto ou da palavra.

4.6.1. A macroanálise e microanálise do diálogo na crônica *Siglas*

Devido *Siglas* pertencer ao capítulo *Exercícios de Estilo* e, portanto, a preocupação maior presente no texto ser a estilística da linguagem, é exatamente isto que chama a atenção do leitor. A ideia dos personagens é criar um partido político, porém, a maior preocupação dos mesmos é formar uma

sigla atraente aos olhos e ouvidos do povo, esquecendo-se assim do real sentido da conversa.

O esquecimento do real sentido da conversa pode, sutilmente, fazer referência à política brasileira, ou melhor, aos políticos que estão no poder. Estes fazem suas campanhas prometendo a melhoria da qualidade de vida do povo e ao serem eleitos, simplesmente esquecem e muitas vezes não fazem todo o prometido. E em épocas de campanha eleitoral voltam com suas promessas mostrando tudo o que fizeram em prol do povo, provavelmente visando aí, a boa imagem que precisam ter aos olhos de quem o aprovarão ou não:

Ex: 39

...um partido faz pactos políticos por uma razão mais alta.

_Exato. A de chegar ao poder e esquecer os pactos que fez..

Siglas apresenta uma conversa entre dois amigos que pretendem criar um partido político, porém encontram dificuldades na formulação de uma sigla que precisa ser atraente.

Para confirmar a preocupação dos personagens com a sigla, segue um trecho que um personagem tem dúvida quanto ao significado de “P” e o seu amigo o traduz:

Ex: 40

_“P”?

_De “Partido”.

_Ah.

O marcador conversacional *Ah* demonstra entendimento por parte do personagem, isto é, concordância com a ideia do outro.

No trecho *_Nossa proposta qual é? De união, certo?*, o marcador conversacional *certo* aparece com tom indagativo referindo-se ao termo anterior *De união* para que o interlocutor se sentisse confiante e certo da proposta de seu partido.

No trecho *_Certo. Partido de União...*, as reticências referem-se à ideia inacabada do interlocutor que, aparentemente, espera um complemento por parte de seu parceiro:

Ex: 41

_Mobilizadora!

_Boa! Dá a ideia de ação, de conagraçamento dinâmico. Partido da União Mobilizadora.

Como é que fica a sigla?

_PUM.

No trecho acima também é perceptível a preocupação com a estilística da sigla, o que também é confirmado abaixo:

Ex: 42

_Não sei não...

_É. Vamos tentar outro. Deixa ver. "P"...

No trecho acima, as reticências da primeira oração demonstram hesitação com relação a ideia dita pelo interlocutor. Já as reticências que aparecem no final do trecho, mais uma vez representam uma ideia inacabada e por meio delas espera-se um complemento para finalizar a ideia iniciada.

No trecho *_“P” é tranquilo.*, a palavra *tranquilo* está sendo usada em seu sentido conotativo, podendo até ser considerada, neste caso, como gíria, pois neste contexto, tal palavra significa fácil, ou seja, um significado para “P” é fácil. Ainda com relação ao trecho anterior, novamente percebemos a preocupação dos interlocutores com a sigla e não com o seu significado atrelado à proposta que defendem.

O trecho *Ei, você.* demonstra um chamamento coloquial de alguém desconhecido por alguém também desconhecido, pois a expressão *ei* serve para chamar a atenção de uma pessoa da qual se desconhece o nome. Mas a intenção dos personagens de *Siglas* era ficarem gravados na memória das pessoas por causa do grande efeito que uma boa sigla pode causar na vida das pessoas, por isso a ideia da sigla *PST* foi descartada.

No trecho _ *Quem sabe a gente esquece o “P”?*, o termo *a gente* demonstra coloquialidade na fala e demonstra também que a preocupação é apenas com a sigla do partido dos personagens.

No trecho _*Aí!... Sei não.*, as reticências mostram hesitação do interlocutor com relação à sigla e o trecho *Sei não.* é uma forma coloquial utilizada comumente na língua falada, que inverte a ordem morfológica das palavras.

O trecho *Qual ,é exatamente, a nossa posição?* comprova novamente a falta de preocupação com o dever do partido.

No trecho _*Bom, eu diria que estamos entre a centro-esquerda e a centro-direita.*, o marcador conversacional *bom* não pertence, neste caso, à classe dos adjetivos e sim nos mostra que o interlocutor tenta retomar a ideia inicial de sua discussão: formar um partido político.

No trecho _*Hum, boa.*, a expressão *hum* demonstra que o interlocutor gostou da ideia, o que é confirmado pelo adjetivo *boa*.

E para concluir:

Ex: 43

_Aonde é que você vai?

_Abrir uma dissidência.

Quando o interlocutor diz que vai abrir uma dissidência, quer dizer que parte dos membros de uma corporação se separa por divergência de opiniões e ao dizer isto, o interlocutor, talvez, refira-se às banalidades que afetam alguns representantes da política, os quais deixam a desejar sua real missão: lutar pelo respeito e pelos direitos do povo.

Considerações finais

A pesquisa realizada neste trabalho dispõe da análise sob as perspectivas da macroanálise e microanálise de seis crônicas do livro “Comédias para se ler na escola” de Luis Fernando Veríssimo. Cada crônica pertence a um capítulo diferente, pois cada capítulo trata de um tema, o que é explícito no próprio título do capítulo. Ou seja, o título do capítulo explica o conteúdo do mesmo, apresentando, portanto, a metalinguagem.

As crônicas analisadas apresentam marcas da oralidade muito comuns no cotidiano das pessoas, sendo estas *a estratégia conversacional, a repetição, os marcadores conversacionais, o léxico e fatores pragmáticos linguísticos e extralinguísticos*. Por meio do estudo dos textos, fica mais fácil de compreender o real sentido das palavras, pois também foram analisados o contexto em que se deram as histórias das crônicas, por meio da macroanálise.

Vale ressaltar, que ao escrever um texto, sempre há uma intencionalidade do autor e é esta intencionalidade que deve ser compreendida por meio da análise do texto, sendo este ponto considerado a aceitabilidade do receptor com relação ao próprio texto. E para que haja aceitabilidade do texto por parte do receptor, é necessário que ele tenha conhecimentos prévios sobre o assunto, seja este conhecimento linguístico ou extralinguístico.

Portanto, ao ler uma crônica é de suma importância que o leitor tenha conhecimento sobre o assunto, pois crônica critica a realidade de uma forma humorada, irônica e até mesmo sarcástica, em alguns casos. Sua forma simples de lidar com a realidade atrai muitos leitores, mas para que estes possam desfrutar de todo o conteúdo presente nestes textos é importante destacar a relevância do leitor ter consigo: conhecimento lingüístico; conhecimento de mundo; conhecimento partilhado; intencionalidade e aceitabilidade, para que ele mesmo possa entender e interpretar o texto em sua integralidade.

Referências bibliográficas:

- KOCH, Ingedore Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1993). *Texto e Coerência*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria (2008). *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto.
- _(2006). *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2007). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- PRETI, Dino (1997). A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: ____ (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH/USP (Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo).
- _(2004). Estudos de língua oral e escrita. Rio de Janeiro: Lucerna – (Série Dispersos), parte III.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando (2001). *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Outras obras consultadas:

- CANDIDO, Antonio. (1980) “A vida ao rés-do-chão”, prefácio do volume 5 da série *Para gostar de ler – crônicas*. Vários autores. São Paulo: Ática.
- _(1992). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- DUARTE, Leila Parreira et al. (1994). *Humor e ironia na literatura*. In: *Anais do XXVI SENAPULLI*. Campinas, SP: ABRAPUI PUC Campinas.
- FARACO, Carlos Alberto (2008). *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GANCHO, Cândida Vilarés. (2001). *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática.
- MENDES, Liliam de Oliveira (2007). *A Leitura de metáforas como evento social: a construção de sentidos em crônica de Arnaldo Jabor*. DM - PUC – São Paulo: SP.
- PRETI, Dino (2003). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH/USP (Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo).
- SÁ, Jorge de. (1985) *A crônica*. São Paulo: Ática.
- SANTANA, Débora Betânia. (2006). *Ironia: O Tempero da crônica (estudo de textos cronísticos de Luís Fernando Veríssimo)*. DM - PUC - São Paulo, SP.

Sites visitados

<http://www.alb.com.br/anais14/Sem13/C13036.doc>. Acesso em 10 de janeiro de 2010.

<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-18.html>. Acesso em 08 de dezembro de 2009.

http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/c/comedias_para_se_ler_na_escola. Acesso em 05 de novembro de 2009.

<http://portalliteral.terra.com.br/verissimo>. Acesso em 25 de maio de 2006.

http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp. Acesso em 25 de maio de 2006.

